



SANTO E GRANDE
CONCÍLIO DA IGREJA
ORTODOXA

CRETA (Grécia), 19 a 26 de junho de 2016

«A todos Ele chama à unidade»



A MISSÃO DA IGREJA ORTODOXA
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



A contribuição da Igreja Ortodoxa para a realização da paz, da justiça, da liberdade, da fraternidade e do amor entre os povos e para a eliminação das discriminações racial e de outros tipos.

«Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16). A Igreja de Cristo vive «no mundo», mas «não é deste mundo» (Jo 17,11; 14-15).

A Igreja como Corpo do Verbo encarnado (João Crisóstomo, *'Homilia antes do exílio'* I, 2. PG 52,429) é a «presença» viva, sinal e imagem do Reino do Deus Triúno na história; presença que anuncia uma «nova criatura» (2Cor 5,17), «novos céus e uma nova terra onde habita a justiça» (2Pd 3,13), um mundo no qual Deus «enxugará toda lágrima de seus olhos, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas» (Ap 21,4).

Esta espera já é vivida e pregustada na Igreja, e o é por excelência toda vez que se celebra a divina Eucaristia e se reúnem «em assembleia» (1Cor 11,17) os filhos dispersos de Deus em um único corpo, sem distinção de raça, sexo, idade, origem social ou qualquer outra forma de distinção, ali onde «já não há judeu

nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher» (Gl 3,28 e Cl 3,11), em um mundo de reconciliação de paz e de amor.

A Igreja também vive este antegozo da «nova criatura», do mundo transformado por meio dos seus Santos, que através da ascese e de suas virtudes, tornaram-se, já nesta vida, ícones do Reino de Deus, manifestando e assegurando assim, que a espera de um mundo de paz, justiça e amor não é uma utopia, mas «a firme certeza das coisas que se esperam» (Hb 11,1), e que é possível com a graça de Deus e a luta espiritual do homem.

Continuamente, inspirada pela esperança e por esta pregustação do Reino de Deus, a Igreja não permanece indiferente aos problemas do homem de todos os tempos; ao contrário, participa de suas angústias e de seus problemas existenciais, tratando, como o seu Senhor, a dor de suas feridas provocadas pelo mal presente e atuante no mundo e, como o bom Samaritano, cuidando de suas feridas, aplicando azeite e vinho (Lc 10,34) «mediante a palavra, a paciência e a consolação» (Rm 15,4; Hb 13,22) e um amor ativo. Sua palavra ao mundo não tem como principal objetivo denunciar, julgar ou condenar o mundo (Jo 3,17 e 12,47), mas ir ao seu encontro, levando como guia o evangelho do Reino de Deus, a esperança e a certeza de que o mal, sob qualquer forma, não tem a última palavra na história, e que não se pode deixar que ele dirija o seu curso.

Difundir a mensagem do Evangelho de acordo com o último mandato de Cristo: «Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado» (Mt 28,19,20); esta é a missão perene da Igreja. Este apostolado deve ser realizado sem agressividade ou proselitismo, nas múltiplas formas como se apresenta, mas no amor, na humildade e no respeito para com a identidade de cada ser humano e a especificidade cultural de cada povo.

Todas as Igrejas Ortodoxas devem se empenhar neste esforço comum.

Tendo por base estes princípios, na experiência e no ensinamento de sua tradição patrística, litúrgica e ascética, a Igreja Ortodoxa participa dos questionamentos e da angústia do ser humano contemporâneo, sobre as questões existenciais fundamentais acerca do mundo de hoje, desejando oferecer sua contribuição na busca de soluções, desejando ofertar ao mundo «a paz de Deus que excede todo o entendimento» (Fp 4,7) e que a reconciliação e o amor prevaleçam no mundo.

A. O valor da pessoa humana

1. O valor da pessoa humana, que tem sua justificação na criação do homem à imagem de Deus e na sua missão de acordo com o plano de Deus, foi a fonte de inspiração para os padres da Igreja Ortodoxa da qual emergiu a percepção do mistério da economia divina. São Gregório, o Teólogo, sublinha, neste contexto, que o Criador «colocou o homem na terra como um segundo mundo, um microcosmo no macrocosmo, como outro anjo, um ser duplo criado para adorá-lo, custódio da criação visível, iniciado do mundo inteligível, ser que reina sobre os seres da terra...», ser que vive neste mundo e aspira outro, cumprimento do mistério que se aproxima de Deus por divinização» (São Gregório o Teólogo, *Oratio* 45,7. PG 36,632ab). O objetivo da encarnação do *Logos* de Deus é a divinização do homem. Cristo, renovando em si mesmo o antigo Adão (cf. Ef 2,15), «divinizava assim o homem inteiro, o que constituía o princípio do cumprimento de nossa esperança» (Eusébio, *Demost. Evang.* 4,14. PG 22,289A). Assim, pois, como no antigo Adão toda a humanidade já estava contida, do mesmo modo, no novo Adão toda a humanidade é recapitulada. («O Filho único de Deus tornou-se homem... para recapitular e restabelecer ao seu estado original toda a raça humana que estava caída» (Cirilo de Jerusalem, *In Comm. In Joan.* IX. PG 74,273D275A).

Este ensinamento da Igreja é uma fonte inesgotável do esforço cristão para salvaguardar o valor e a magnificência da pessoa humana.

2. Sobre esta base é essencial promover em todas as direções a colaboração intercristã, a fim de proteger e ressaltar o valor do homem e, evidentemente, o bem que é a paz, de modo que os esforços pacíficos dos cristãos, sem exceção, adquiram mais peso e força.

3. A aceitação comum do valor eminente da pessoa humana pode servir de pressuposto para uma colaboração mais ampla neste campo. As Igrejas Ortodoxas Locais são chamadas a contribuir na organização e colaboração interreligiosa para a coexistência pacífica e a coesão social dos povos, sem que isto implique num sincretismo religioso de nenhum tipo.

4. Estamos convencidos de que, «trabalhando juntos na obra de Deus» (1Cor 3,9), podemos progredir neste ministério comum com todos os homens de boa vontade que amam a paz que procede de Deus, para o bem da comunidade humana, em nível local, nacional e internacional. Este ministério é um mandamento de Deus (Mt 5,9).

B. Liberdade e responsabilidade

1. O dom divino da liberdade é um dos maiores dons concedidos ao homem. «Deus criou o homem inicialmente livre e lhe deu o livre-arbítrio com a única restrição da lei do mandamento» (Gregório o Teólogo, *Oratio XIV*, 25. PG 35,892A). A liberdade torna o homem capaz de progredir indefinidamente na perfeição espiritual, mas ao mesmo tempo, implica o perigo da desobediência, o risco da independência de Deus e, portanto, da queda, de onde vem as consequências trágicas do mal no mundo.

2. Entre as muitas consequências deste mal, estão as imperfeições e faltas próprias de nosso tempo, tais como a secularização, a violência, o relaxamento dos costumes, os fenômenos gerados pela dependência das drogas e outros vícios, especialmente em grande parte da nossa juventude contemporânea; o racismo, as armas, as guerras e os males sociais que causam a opressão de grupos sociais, de comunidades religiosas, de povos inteiros; as desigualdades sociais, as restrições dos direitos humanos no campo da liberdade de consciência e, particularmente, da liberdade religiosa; a desinformação e a manipulação da opinião pública, a miséria econômica, a injustiça na distribuição e, inclusive, a escassez dos bens básicos para a vida; a fome de milhões de pessoas que vivem em estado de subnutrição; as deportações violentas, o tráfico de seres humanos, o caótico fluxo dos refugiados; a destruição do meio ambiente, o uso descontrolado da biotecnologia e da biomedicina genética em relação ao início, duração e fim da vida humana. Tudo isso supõe a infinita angústia em que se debate a humanidade de nossos dias.

3. Face a esta situação que produz o enfraquecimento do conceito de pessoa humana, a Igreja Ortodoxa é chamada a afirmar, por meio de sua pregação, de sua teologia, do culto e da atividade pastoral a verdade da liberdade em Cristo. «Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam» (1Cor 10,23). «Ninguém busque o proveito próprio; antes cada um o que é de outrem» (1Cor 10,24). «Digo, porém, a consciência, não a tua, mas a do outro. Pois por que há de a minha liberdade ser julgada pela consciência de outrem?» (1Cor 10,29). A liberdade sem responsabilidade e sem amor conduz, finalmente, à perda da liberdade.

C. Sobre a paz e a justiça

1. A Igreja Ortodoxa reconhece e enfatiza diacronicamente o lugar central da paz e da justiça na vida do ser humano. A revelação em Cristo é caracterizada como «Evangelho de paz» (Ef 6,15), pois Cristo, «para instaurar a paz pelo

sangue da sua Cruz» (Col 1,20), «veio proclamar a paz, paz aos que estavam longe, paz aos que estavam perto» (Ef 2,17). Ele se tornou «a nossa Paz» (Ef 2,14). Esta Paz «que excede todo o entendimento» (Fp 4,7) é, como o próprio Cristo disse aos seus Apóstolos antes de sua Paixão, mais ampla e mais fundamental que aquela prometida pelo mundo: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize!» (Jo 14,27).

A paz de Cristo é o fruto maduro da recapitulação de todas as coisas n'Ele; do valor e da grandeza da pessoa humana, enquanto imagem de Deus; da manifestação da unidade orgânica da raça humana e do mundo em Cristo; da universalidade dos princípios de paz, liberdade e justiça social; e, enfim, na fecundidade do amor cristão entre os homens e os povos. A verdadeira paz é fruto do triunfo sobre a terra de todos estes ideais cristãos. É a paz que vem do alto que a Igreja Ortodoxa sempre pede em suas súplicas cotidianas, implorando a Deus que tudo pode e que escuta as orações dos que a Ele acorrem com fé.

2. O que acima foi dito evidencia porque a Igreja, enquanto «Corpo de Cristo» (1Cor 12,27), reza sempre pela paz do mundo inteiro, que, de acordo com Clemente de Alexandria, é sinônimo de justiça (*Str.* 4,25. PG 8,1369B72A). Basílio, o Grande, acrescenta: «Não posso não me convencer de que sou digno de ser chamado servidor de Jesus Cristo, se não estou disposto a amar os outros e a viver em paz com todo o mundo, ao menos no que de mim depende» (*Epist.* 203,1. PG 32,737B). Ou seja, como este mesmo Padre menciona, tão natural para o cristão que se poderia afirmar que «não há nada mais especificamente cristão que agir em favor da paz» (*Epist.* 114. PG 32,528B).

A paz de Cristo é a força mística que encontra sua fonte na reconciliação do homem com o seu Pai celestial «graças a providência de Jesus que opera tudo em todos, cria uma paz indizível predestinada desde o princípio dos séculos, reconcilia-nos a nós mesmos e, por meio d'Ele, com o Pai» (Dionísio o Aeropagita, *De nom. div.* 11,5. PG 3,953AB).

3. Ao mesmo tempo, temos de salientar que os dons espirituais da paz e da justiça dependem também da sinergia humana. O Espírito Santo concede os dons espirituais quando o homem busca, no arrependimento, a paz e a justiça de Deus. Estes dons da paz e da Justiça acontecem lá onde os cristãos estão a envidar esforços na obra da fé, no trabalho do amor e na paciência da esperança em Cristo Jesus, nosso Senhor (1Tes 1,3).

4. O pecado é uma enfermidade espiritual, cujos sintomas visíveis são as agitações, as discórdias, os crimes e as guerras com suas trágicas

consequências. A Igreja busca curar, não apenas os sintomas visíveis desta enfermidade, mas também a própria enfermidade, que é o pecado.

5. Ao mesmo tempo, a Igreja Ortodoxa acredita que é seu dever apoiar tudo o que verdadeiramente está a serviço da paz (cf. Rm 14,19) e que abra caminho para a justiça, para a fraternidade, para a verdadeira liberdade e o amor mútuo de todos os filhos do único Pai celestial, bem como de todos os povos que constituem uma única família humana. A Igreja sofre com todas as pessoas que, em diferentes partes do mundo, são privadas dos bens da paz e da justiça.

D. A paz e a prevenção da guerra

1. A Igreja de Cristo condena a guerra em geral, pois a considera consequência do mal e do pecado no mundo. «Donde vêm as lutas e as contendas entre vós? Não vêm elas de vossas paixões, que combatem em vossos membros? (Tg 4,1). Toda e qualquer guerra constitui uma ameaça destruidora para a Criação e a vida.

Sobretudo, no caso das guerras com armas de destruição em massa, as consequências seriam terríveis, não apenas porque causariam a morte de um número incalculável de seres humanos, mas porque a vida dos sobreviventes se tornaria insuportável. Surgiriam enfermidades incuráveis e se produziriam mutações genéticas e outros males que iriam afetar gravemente as gerações futuras.

Mas, não apenas as armas nucleares são perigosas, também as químicas e biológicas, assim como toda e qualquer forma de armamento que gera uma ilusão de supremacia e dominação sobre o mundo circundante. Este tipo de armamento cria um clima de medo e falta de confiança e se torna a causa de uma nova corrida armamentista.

2. A Igreja de Cristo, considerando a guerra, principalmente, como uma consequência do mal e do pecado no mundo, impulsiona toda e qualquer iniciativa e/ou esforços destinados a prevenir ou evita-la, por meio do diálogo ou qualquer outro meio adequado. Quando e se a guerra for inevitável, a Igreja seguirá rezando e cuidando pastoralmente de seus filhos envolvidos nos conflitos armados, defendendo suas vidas e liberdade e empreendendo todos os esforços no sentido de que o restabelecimento da paz se faça tão logo possível.

3. A Igreja Ortodoxa condena firmemente todos os tipos de conflitos e guerras motivadas pelo fanatismo derivado de princípios religiosos. A incessante e crescente tendência do aumento da repressão e perseguição aos cristãos e outras comunidades por causa de sua fé, no Oriente Médio e em outras partes do

mundo, assim como as tentativas de desarraigar o cristianismo do seu berço histórico, suscitam uma profunda preocupação. Vêm-se assim ameaçadas as relações interreligiosas e internacionais existentes e, ao mesmo tempo, muitos cristãos são forçados a abandonar seus lugares de origem. Os ortodoxos, em todo o mundo, são solidários com seus irmãos cristãos e com todos os demais perseguidos nestas regiões e apelam a que se encontre uma solução equitativa e permanente aos problemas.

A Igreja Ortodoxa condena igualmente as guerras que são provocadas pelo nacionalismo, pois causam depurações étnicas, mudanças de fronteiras de estados e a ocupação de territórios

E. A Igreja Ortodoxa em face às discriminações

1. O Senhor, «Rei de Justiça» (cf. Hb 7,2-3), desaprova a violência e a injustiça (cf. Sl 10,5) e condena o comportamento desumano para com o próximo (cf. Tg 2,15-16). Em seu Reino, cuja imagem e presença neste mundo é a Igreja, não há lugar nem para o ódio entre as nações, nem para a inimizade e a intolerância (cf. Is 11,6 e Rm 12,10).

2. A posição da Igreja Ortodoxa a este respeito é muito clara: ela crê que Deus «fez nascer de um só homem todo o gênero humano, para que habitasse sobre toda a face da terra» (At 17,26), e que em Cristo «já não há mais judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos somos um em Cristo Jesus» (Gl 3,28). Para a pergunta: «quem é meu próximo?», Jesus Cristo responde com a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) e ensina-nos assim a abolir todas as barreiras de inimizade e de preconceitos. A Igreja Ortodoxa confessa que todo ser humano, independentemente de sua cor, religião, raça, nacionalidade ou língua, é criado à imagem e semelhança de Deus e goza de iguais direitos na sociedade. De acordo com a sua fé, a Igreja rejeita a discriminação sob as formas acima elencadas, discriminação que supõe uma distinção na dignidade entre pessoas.

3. A Igreja, no espírito de respeito aos direitos humanos e a igualdade de tratamento entre os seres humanos, busca a aplicação destes princípios à luz de sua doutrina sobre os sacramentos, a família, o lugar do homem e da mulher na Igreja e os valores da tradição eclesial em geral. A Igreja tem o dever e o direito de declarar sua doutrina e de testemunhá-la publicamente.

F. A missão da Igreja Ortodoxa: testemunho de amor na diaconia

1. Cumprindo a sua missão de salvação no mundo, a Igreja Ortodoxa cuida ativamente de todos os que precisam de ajuda: dos famintos, dos necessitados, dos doentes, dos deficientes, dos idosos, dos oprimidos, dos cativos e prisioneiros, dos sem teto, dos órfãos, das vítimas de catástrofes e de conflitos armados ou do tráfico de seres humanos e de todas as formas de escravidão do nosso tempo. Os esforços da Igreja Ortodoxa para superar a extrema miséria e a injustiça social são uma expressão de sua fé e um serviço ao próprio Senhor que se identifica com os miseráveis e indigentes: «todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes» (Mt 25,40). Em sua polivalente diaconia, a Igreja pode cooperar com diversas instituições sociais

2. Os antagonismos e as hostilidades no mundo geram também injustiça e desigualdade na distribuição dos bens da criação divina entre os indivíduos e as nações. Privam milhões de pessoas dos bens básicos e levam a precarização da existência humana. Provocam emigrações em massa das populações, geram conflitos étnicos, religiosos e sociais que ameaçam a coesão interna das sociedades.

3. A Igreja não pode permanecer indiferente em face aos processos econômicos que influenciam de forma negativa toda a humanidade. Insiste, pois, na necessidade de construir a economia sobre princípios morais para que esteja a serviço dos seres humanos, seguindo o ensinamento do Apóstolo Paulo: «Em tudo vos tenho mostrado que assim, trabalhando, convém acudir os fracos e lembrar-se das palavras do Senhor Jesus, porquanto ele mesmo disse: É maior felicidade dar que receber! (At 20,35). São Basílio, o Grande, escreve que «o objetivo que cada um deve ter em seu trabalho é o de ajudar aos indigentes e não satisfazer suas próprias necessidades» (São Basílio, o Grande, Grandes Regras, 42. PG 31,1025A).

4. O fosso entre ricos e pobres aumenta drasticamente devido à crise econômica, que normalmente resulta de uma especulação desenfreada por parte de certos líderes financeiros, da acumulação da riqueza nas mãos de um pequeno número de pessoas e de uma atividade econômica mascarada que, privada da justiça e da sensibilidade humana, não serve finalmente às necessidades da humanidade. Uma economia viável é uma economia que combina a eficácia com a justiça e a solidariedade social.

5. Nestas condições trágicas é que se pode compreender a imensa responsabilidade da Igreja na luta contra a fome e todas as formas de miséria que fazem estragos no mundo. Este fenômeno de nossa época, em que países vivem em um sistema econômico globalizado, é revelador da grave crise de identidade no mundo moderno, porque a fome não só põe em perigo o dom divino da vida de povos inteiros, como também afeta a grandeza e a sacralidade da pessoa humana, ao mesmo tempo em que ofende ao próprio Deus. Por este motivo, se os cuidados com a nossa própria alimentação são apenas uma questão material, o cuidado com a alimentação de nosso próximo é uma questão de ordem espiritual (Tg 2,14-18).

Incumbe, portanto, às Igrejas Ortodoxas, mostrarem-se solidárias e desenvolverem suas iniciativas assistenciais de modo a alcançar com eficácia os irmãos necessitados.

6. A Santa Igreja de Cristo, em seu corpo católico que inclui no seu seio os numerosos povos da terra, propõe o princípio da solidariedade humana e incentiva uma colaboração mais ampla entre povos e entre Estados para a resolução pacífica dos conflitos.

7. A imposição crescente à humanidade de um modelo de vida cada vez mais consumista, privado de todo apoio dos valores morais cristãos, é para a Igreja causa de preocupação. Neste sentido, este consumismo, combinado com a globalização secularizada, tende a conduzir os povos à perda de suas raízes espirituais, de sua memória histórica e o esquecimento das tradições

8. Os meios de comunicação caem, muitas vezes, sob o controle da ideologia do globalismo liberal e serve como promotores do consumo e da imoralidade. Os casos de tratamento desrespeitoso, e até mesmo blasfemo, de valores religiosos causam discórdias e revolta na sociedade, suscitando à Igreja uma particular inquietação. A Igreja previne seus fiéis, admoestando-lhes sobre o perigo de manipulação das consciências através de certos usos dos meios de comunicação que não visam tanto a aproximação entre as pessoas e povos como a sua manipulação.

9. A Igreja vem enfrentando cada vez mais, na propagação de sua doutrina e no cumprimento de sua missão salvadora da humanidade, manifestações da secularização. A Igreja de Cristo está chamada a desenvolver e a manifestar seu testemunho profético no mundo, apoiando-se na experiência de fé, e recordando deste modo sua verdadeira missão: «proclamar» o Reino de Deus e cultivar a consciência da unidade de seus fiéis. Um grande campo de ação se abre a ela, enquanto portadora da mensagem de comunhão e de unidade eucarística,

conteúdo essencial do seu ensinamento eclesiológico, num mundo multifacetado e fragmentado, como o que vivemos na contemporaneidade.

10. A vontade de um constante crescimento do bem-estar e o consumo desenfreado provocam inevitavelmente o uso desproporcional dos recursos naturais e o seu esgotamento. O mundo, criado por Deus para ser cultivado e protegido pelo homem (cf. Gn 2,15), sofre as consequências do pecado humano: «Pois a criação foi sujeita à vaidade (não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou), todavia com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia» (Rm 8,20-22).

A atual crise ecológica, decorrente das mudanças climáticas e do aquecimento global, torna imperativa a obrigação da Igreja de contribuir pelos meios espirituais de que dispõe, para a proteção da criação de Deus dos efeitos da ganância humana. A ganância, que consiste em satisfazer as necessidades materiais, leva ao empobrecimento espiritual do homem e a destruição do meio ambiente. Não podemos nos esquecer de que os recursos naturais do planeta não são propriedade do homem, mas do Criador: «do Senhor é a terra e tudo o que ela contém, a órbita terrestre e todos os que nela habitam» (Sl 23,1). Assim, a Igreja Ortodoxa enfatiza a proteção da criação de Deus, cultivando o senso de responsabilidade para com o meio ambiente, que é dom de Deus, propondo as virtudes da sobriedade e da moderação. Devemos recordar que não só a geração atual, mas também as futuras, têm direito aos bens naturais que nos deu o Criador.

11. Para a Igreja Ortodoxa, a faculdade de pesquisa e investigação científica do mundo constitui uma dádiva de Deus ao homem. Afirmando isto, a Igreja Ortodoxa quer sublinhar, ao mesmo tempo, os perigos que esconde o uso de certos avanços científicos. A Igreja considera que o cientista é livre para fazer suas pesquisas, mas que deve impor-lhes limites quando são violados os princípios humanos e cristãos. São Paulo diz: «tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não me deixarei dominar por coisa alguma»; (1Cor 6,12) e São Gregório, o Teólogo: «o bem deixa de ser bem se os meios são maus» (*Or. Teol.* I, 4. PG 36,16C). Esta percepção da Igreja revela-se indispensável para delimitar corretamente a liberdade e colocar em valor os frutos da ciência, para a qual são esperados avanços em quase todos os domínios, em particular, no da biologia, porém, não desprovido de grandes riscos e perigos. Por isso é que a Igreja sublinha o caráter inquestionavelmente sagrado da vida humana, desde a sua concepção.

12. Ao longo destes últimos anos, nota-se que tem havido avanços extraordinários das biociências e, particularmente, da biotecnologia, muitos que resultam em efeitos benéficos para a humanidade, enquanto outros apresentam sérios dilemas éticos ou, até mesmo, são considerados inaceitáveis. A Igreja Ortodoxa acredita que o homem não é simplesmente um conjunto de células, tecidos e órgãos, e que não é determinado unicamente por fatores biológicos. O homem foi criado à imagem de Deus (Gn 1, 27) e haverá de ser tratado com o o respeito que lhe é devido, como tal. O reconhecimento deste princípio fundamental conduz à conclusão de que na investigação científica, assim como na aplicação prática das novas descobertas e invenções, é preciso salvaguardar o direito absoluto de cada ser humano a ser tratado com respeito e honra em cada etapa de sua vida, assim como é a vontade de Deus, tal como foi revelada na criação. A pesquisa deve levar em consideração os princípios morais e espirituais e as leis cristãs. É também indispensável que o homem seja respeitoso com a Criação, tanto no uso que dela faz, como em suas pesquisas científicas, obedecendo o divino mandamento que o Senhor Deus lhe deu (Cf. Gn 2,15).

13. Nestes tempos de secularização, observa-se particularmente o surgimento da necessidade de exaltar a importância da santidade da vida na ótica da crise espiritual que caracteriza a civilização moderna. A confusão entre liberdade e vida licenciosa leva ao aumento da criminalidade, destruição e profanação de templos e ao desaparecimento do respeito pela liberdade dos outros e pela sacralidade da vida. A tradição Ortodoxa, formada através da experiência prática das verdades cristãs, é portadora de espiritualidade e de moral ascética que é preciso que se exaltem e se promovam em nossos dias.

14. A solicitude pastoral específica da Igreja pela educação em Cristo da juventude é permanente e incansável. É evidente que a responsabilidade pastoral da Igreja se estende também à instituição de ordem divina da família. A família sempre e necessariamente tem se apoiado no santo Sacramento do matrimônio cristão, enquanto união de um homem e de uma mulher, que representa a união de Cristo e de sua Igreja (Ef 5,32). Isto não perde sua atualidade, tendo em conta os intentos de legalização, em certos países, e a justificação teológica, em certas comunidades cristãs, de formas de coabitação opostas à tradição e à doutrina cristã. Esperando a recapitulação de tudo no Corpo único de Cristo, a Igreja recorda a todo ser humano que nasce neste mundo, que Cristo virá novamente em sua *Parousia* para «julgar os vivos e os mortos» (1Pd 4,5), e que «seu Reino não terá fim» (Lc 1,33).

15. Na contemporaneidade, como em todos os tempos, a voz profética e pastoral da Igreja, a palavra redentora da Cruz e da Ressurreição é dirigida ao coração

do homem, e o exorta com o apóstolo Paulo a adotar e a viver «tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável» (Fp 4,8). A Igreja propõe o amor sacrificial de seu Senhor Crucificado como o único caminho para um mundo de paz, justiça, liberdade e solidariedade entre indivíduos e povos, cuja medida única e última é sempre o Cristo oferecido e sacrificado pela vida do mundo (cf. Ap 5.12), ou seja, o amor infinito de Deus na Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, a quem pertencem o Reino, o poder e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

- † **Bartolomeu de Constantinopla, presidente**
- † **Theodoro II de Alexandria**
- † **Theófilo III de Jerusalém**
- † **Irineu da Sérvia**
- † **Daniel da Romênia**
- † **Chrysostomos de Chipre**
- † **Ieronymos de Atenas e de toda a Grécia**
- † **Sawas de Varsóvia e toda Polônia**
- † **Anastasios de Tirana e toda Albânia**
- † **Rastislav de Presov, das terras Checa e Eslováquia**

Delegação do Patriarcado Ecumênico

- † Lion de Karelia e toda Finlândia
- † Estevão de Tallinn e toda Estónia
- † João da sede maior de Pérgamo
- † Demetrio da sede maior da América
- † Agostinho da Alemanha
- † Irineu de Creta
- † Isaías de Denver
- † Aleixo de Atlanta
- † Santiago das Ilhas dos Príncipes
- † José Proeconeso
- † Meliton da Filadélfia
- † Emanuel de França
- † Nicetas de Dardanelos
- † Nicolau de Detroit
- † Gerásimo de São Francisco
- † Anfiloquio de Quisamo e Seleno
- † Ambrósio da Coreia
- † Máximo de Selibria
- † Anfiloquio de Adrianópolis

- † Calixto de Dioclea
- † Antônio de Hierápolis, líder dos ortodoxos ucranianos nos EUA
- † Job de Telmessos
- † João de Cariópolis, Líder do Exarcado patriarcal das paróquias ortodoxas de tradição russa na Europa ocidental
- † Gregório de Nissa, Líder dos carpatorutenos ortodoxos nos EUA

Delegação do Patriarcado de Alexandria

- † Gabriel da sede maior Leontópolis
- † Macario Nairobi
- † Jonas Kampala
- † Serafim do Zimbábwe e Angola
- † Alexandro de Nigéria
- † Teofilacto de Tripoli
- † Sergio do Cabo da Boa Esperança
- † Athanasios de Cirene
- † Aleixo de Cartago
- † Jerônimo de Muanza
- † Jorge de Guiné
- † Nicholas de Hermópolis
- † Demétrio de Irenópolis
- † Damasceno de Joanesburgo e Pretória
- † Narciso de Accra
- † Emanuel de Tolemaida
- † Gregório de Camarões
- † Nicodemos, Metropolita de Memphis
- † Melécio de Katanga
- † Pantaleão de Brazzaville e do Gabão
- † Inocente do Burundi e Ruanda
- † Crisóstomo de Moçambique
- † Neófito da Nieri e Quênia

Delegação do Patriarcado de Jerusalém

- † Benito Filadélfia
- † Aristarcos de Constantina
- † Teofilacto do Jordão
- † Nectario de Antidona
- † Filomeno de Pella

Delegação da Igreja da Sérvia

- † João de Ohrid e Skopje

- † Anfilóquio de Montenegro e do Litoral
- † Porfirio de Zagreb e Liubliana
- † Basílio de Sirmio
- † Luciano BudimljeNikšić
- † Longino de Nova Gračanica
- † Irineu de Bačka
- † Crisóstomo ZvornikTuzla
- † Justino de Žiça
- † Pacômio de Vranje
- † João de Šumadija
- † Ignácio de Braničevo
- † Fócio da Dalmácia
- † Atanásio de Biha Petrovac
- † Joancio de BudimljeNikšić
- † Gregório de Humerzegovina e do litoral
- † Milutino Valjevo
- † Máximo na América ocidental
- † Irineu na Austrália e Nova Zelândia
- † David de Kruševac
- † João de Pakrac e Eslavônia
- † André na Áustria e Suíça
- † Sergio em Frankfurt e Alemanha
- † Hilarião de Timok

Delegação da Igreja da Romênia

- † Teofano de Iasi, de Moldávia e Bucovina
- † Lorenzo de Sibiu e Transilvânia
- † André de Vad, Feleac, Cluj, Alba Julia, Crisana e Maramures
- † Irineu de Craiova e Oltenia
- † João de Timișoara e do Banat
- † José na Europa Ocidental e Meridional
- † Serafim na Alemanha e na Europa Central
- † Nifon de Targoviste
- † Irineu de Alba Julia
- † Joaquin Roman e Bacau
- † Casiano do Baixo Danúbio
- † Timothy de Arad
- † Nicolau na América
- † Sofrônios Oradea
- † Nicodemos de Strehaia e Severin
- † Bessarion de Tulcea
- † Petronio de Salaj

- † Silvano na Hungria
- † Silvano na Itália
- † Timothy em Espanha e Portugal
- † Macário no Norte da Europa
- † Barlaan de Ploesti, assistente Patriarcado
- † Emiliano de Lovistea, auxiliar do Arcebispado de Râmnic
- † João Cassiano Vikin, auxiliar do Arcebispado na América

Delegação da Igreja de Chipre

- † Jorge de Paphos
- † Crisóstomo de Quitión
- † Crisóstomo de Cirenia
- † Atanásio de Lemeso
- † Neófito de Morfo
- † Basílio de ConstânciaFamagusta
- † Nicéforo de Cico e Tileria
- † Isaías Tamaso e Orinia
- † Barnabé de Tremitunte e Leucara
- † Cristovão de Karpasia
- † Nectario de Arsinoe
- † Nicolau de Amathus
- † Epifanio de Ledra
- † Leôncio de Quitres
- † Porfirio de Neapolis
- † Gregório de Mesorea

Delegação da Igreja da Grécia

- † Procópio de Filipo, Neapolis e Taso
- † Crisóstomo de Peristerion
- † Germano de Elida
- † Alexandre de Mantinea e Cinuria
- † Ignácio de Arta
- † Damasceno de Didimotico, Orestias e Sufli
- † Aleixo de Nicéia
- † Hierotheus de Lepanto e San Blas
- † Eusebio de Samos e Icaria
- † Serafim de Castoria
- † Inácio de Demetrias e Calmiro
- † Nicodemos de Casandria
- † Efrem de Hidra, Espetses e Egina
- † Teólogo de Serres e Nigrita
- † Macário de Sederocastro

- † Antimo de Alexandrópolis
- † Barnabé de Neapolis e Staurópolis
- † Chrysostomos de Messinia
- † Atenágoras de Hélio, Acarnes e Petrópolis
- † João de Langada, Litis e Rentina
- † Gabriel de Nova Jonia e Filadélfia
- † Crisóstomo de Nicópolis e Preveza
- † Teocleto de Hieriso, Monte Athos e Ardamerion

Delegação da Igreja na Polônia

- † Simão de Lodz e Pozńan
- † Abel de Lublin e Chel
- † Santiago de Biaństok e Gdańsk
- † Jorge de Siemiatycze
- † Paísio de Gorlice

Delegação da Igreja da Albânia

- † João de Korce
- † Demétrio Argirocastro
- † Nicolau de Apolonia e Fier
- † Antonio de Elbasan
- † Natanael de Amandia
- † Asti de Bylis

Delegação da Igreja das Terras Checa e Eslováquia

- † Miguel de Praga
- † Isaías Sumperk

† Jeremias da Suíça, chefe do Secretariado do Santo e Grande Concílio Pan-ortodoxo.

Tradução: Pe. André Sperandio
da versão em espanhol da Sacra Metrópole de Espanha e Portugal -
Patriarcado Ecumênico